

Um futuro laboral distópico prenunciado na série *Westworld* da HBO Max

Cíntia Coelho da Silva¹
ORCID: 0000-0001-7999-1748

Resumo: O presente artigo visa explicitar como a ficção científica arquitetou previamente (programação preditiva) aquilo que os profissionais da tecnologia criaram ou revelaram ao público, posteriormente: a ideia do androide, dos robôs e da Inteligência Artificial (IA). A Série *Westworld* da HBO Max retrata uma realidade em que não se pode distinguir com clareza onde está o elemento humano e o artificial. Um mundo onde seres humanos e máquinas trabalham e vivem lado a lado, sem que os humanos se deem conta disso. O ensaio foi elaborado a partir da seleção e análise de cenas, por meio do método de Análise Crítica do Discurso (ACD) de Norman Fairclough (1995), em que fica explicitada tal indistinção laboral entre homem e máquina. O resultado foi a constatação do domínio da máquina sobre a humanidade.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. *Westworld*. Trabalho. Programação preditiva.

¹ Doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura na Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e graduada em História pela mesma instituição. Pós-graduada em Comunicação Corporativa e com MBA em Marketing na Fundação Getulio Vargas (FGV-SP). Atua com criação de conteúdo textual e possui ampla experiência em comunicação corporativa e marketing. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7832345010827170>.

A dystopian work future foretold in the HBO Max series WestWorld

Abstract: This article aims to explain how science fiction previously architected (predictive programming) what technology professionals later created or revealed to the public: the idea of androids, robots, and Artificial Intelligence (AI). HBO Max's series Westworld portrays a reality where it is not clear where the human element ends and the artificial begins. A world where humans and machines work and live side by side without humans realizing it. The essay was developed by selecting and analyzing scenes using Norman Fairclough's (1995) method of Critical Discourse Analysis (CDA), which highlights the blurring of the line between human and machine labor. The result was the realization of the machine's dominance over humanity.

20

Keywords: Artificial Intelligence. Westworld. Labor. Predictive programming.

Un futuro laboral distópico renunciado en la serie Westworld de HBO Max

Resumen: Este artículo pretende explicar cómo la ciencia ficción articuló previamente (programación predictiva) lo que los profesionales de la tecnología crearon o revelaron al público posteriormente: la idea del androide, los robots y la Inteligencia Artificial (IA). La serie Westworld de HBO Max retrata una realidad en la que no es posible distinguir claramente dónde están los elementos humanos y artificiales. Un mundo donde los humanos y las máquinas trabajan y viven uno al lado del otro, sin que los humanos se den cuenta. El ensayo se elaboró a partir de la selección y análisis de escenas, utilizando el método de Análisis Crítico del Discurso (ACD) de Norman Fairclough (1995), que explica la falta de distinción entre hombre y máquina. El resultado fue la comprensión del dominio de la máquina sobre la humanidad.

21

Palabras clave: Inteligencia artificial. Westworld. Trabajo. Programación predictiva.

Introdução

Os roteiristas e produtores, Jonathan Nolan (britânico) e Lisa Joy (estadunidense), são os cocriadores da série *Westworld* da HBO (estreada em 2016) que mistura faroeste e ficção científica distópica. A série se baseia no filme de mesmo nome de 1973, escrito e dirigido pelo estadunidense Michael Crichton, que retrata um parque de diversões futurista e imersivo. A história que se passa no ano de 2050 em *Westworld* (parque temático criado pela empresa fictícia Delos Incorporated) classifica os seres humanos (visitantes do parque) como “recém-chegados” e denomina as máquinas com quem estes interagem de “anfitriões” (androides indistinguíveis dos humanos), os quais são programados para satisfazer todo e qualquer desejo humano (sem regras ou leis de nenhuma ordem) em uma simulação do mundo real – até que as máquinas começam a se rebelar.

Na série, os roteiristas expõem o início e o fim (embora inconclusivo) de um mundo distópico que culmina em um cenário apocalíptico. O olhar aguçado e possivelmente preditivo dos autores denuncia a iminência de uma sociedade dominada pela Inteligência Artificial (IA). Evidenciado, inclusive no cenário corporativo (mercado de trabalho) a inserção das máquinas em atividades até então somente executadas por seres humanos – tudo de forma imperceptível. Máquinas que possuem lembranças, sentimentos, emoções e histórias: famílias, tragédias e perdas que costumam marcar a vida humana – são “transferidas” às máquinas que se passam por humanos – como é o caso do personagem Bernard Lowe (interpretado por Jeffrey Wright), funcionário da Delos Incorporated.

A série é dividida em quatro temporadas: a primeira intitulada *The Maze* de 2016 (dez episódios); a segunda nomeada *The Door* de 2018 (dez episódios); a terceira designada *The New World* de 2020 (oito episódios) e a quarta e última denominada *The Choice* de 2022 (oito episódios).

Na primeira temporada, enquanto os “recém-chegados” exploram o parque e interagem com anfitriões robóticos, em um cenário típico do velho oeste – a série aborda questões como livre-arbítrio, identidade e violência. Assim como inicia reflexões sobre os limites éticos e morais da tecnologia (IA). É ainda na primeira temporada que as máquinas (os “anfitriões”) começam a desenvolver uma consciência própria e questionam seu papel no parque. Embora, ao longo da série o próprio conceito de consciência seja colocado em cheque, como evidencia a fala

do personagem Dr. Robert Ford (interpretado por Anthony Hopkins) no oitavo episódio da primeira temporada: *we can't define consciousness because consciousness does not exist. Humans fancy that there's something special about the way we perceive the world, and yet we live in loops as tight and as closed as the hosts do, seldom questioning our choices, content, for the most part, to be told what to do next.*

Na segunda temporada, há as primeiras consequências da “rebelião” das máquinas e se inicia uma batalha pelo controle do parque, luta entre máquina e homem, e a corporação que os controla (Delos Incorporated) fundada e dirigida pelo personagem James Delos (interpretado por Peter Mullan). Ao longo de dez episódios, dentre os diversos temas abordados estão: escolha, sacrifício, conflitos internos e reflexões sobre a natureza humana e a busca pela liberdade.

A terceira temporada tem como cenário o mundo real (fora do parque temático). A anfitriã Dolores Abernathy (interpretada por Evan Rachel Wood) consegue escapar do parque – ao copiar sua consciência para um novo corpo sintético produzido pela Delos – com a imagem/personificação de Charlotte Hale (interpretada por Tessa Thompson) executiva da Delos, morta por Dolores no final da segunda temporada. Dolores imprimiu sua própria personalidade nele, permitindo-lhe assumir a identidade de Charlotte e entrar no mundo real, passando-se por humana. A motivação de Dolores era destruir a Delos e acabar com o controle que a empresa exercia sobre a vida dos anfitriões em *Westworld*. É também nesta temporada que há menção à Nova Ordem Mundial – um dos temas centrais da temporada – em que o personagem Serac (interpretado por Vincent Cassel), CEO da empresa Incite, planeja usar a tecnologia para criar uma nova ordem mundial, na qual todas as decisões sejam tomadas com base em algoritmos, possibilitando o domínio sobre a sociedade por meio da tecnologia e concentração de poder.

Na quarta temporada, a série apresenta a luta dos personagens para controlar o futuro de um mundo devastado pela IA. Evidenciando os perigos da tecnologia e seu impacto na sociedade. Os personagens enfrentam dilemas morais e desafios éticos, enquanto lutam para sobreviver em um mundo cada vez mais controlado pela tecnologia. No final do sétimo episódio da quarta temporada intitulado *The Absence of Field*, a música “sugestiva” *The Man Who Sold The World* de David Bowie (interpretada por Ramin Djawadi, compositor da trilha sonora original da série) compõe o fundo musical de um cenário apocalíptico

e nos deixa a seguinte reflexão: teria a humanidade se vendido em nome de avanços tecnológicos, aumento de produtividade, lucro e conveniência? Será que sabíamos que o preço seríamos nós? Teríamos dado um cheque em branco sem ter dimensão do alto preço que pagaríamos? Uma vez que é nesta temporada (sétimo episódio) que uma das cópias de William (um dos personagens principais da série, interpretado pelo ator Ed Harris), criada pela Delos Incorporated (a Delos coletava dados detalhados sobre os visitantes para um propósito obscuro: criar cópias exatas dos visitantes, conhecidas como “híbridos” ou “clones”, com a intenção de substituir as pessoas reais no mundo exterior – o permitiria à Delos controlar e manipular os visitantes fora do parque, utilizando as réplicas como substitutos controláveis e influenciáveis), inicia um verdadeiro e completo colapso na sociedade. Na quarta temporada, a cópia de William, chega ao topo da torre (estrutura de controle que envia sinais sonoros a fim de ativar ou desativar códigos que alteram os comportamentos tanto dos anfitriões quanto dos humanos) ele aumenta o nível de decibéis no transmissor de áudio, enviando uma mensagem a todos para lutar até que apenas os fortes sobrevivam e o resultado é um mundo devastado. Não se indica a sobrevivência de nenhum humano, embora haja anfitriões que resistem ao efeito dos sinais sonoros. A torre de transmissão de áudio também é destruída nesta cena.

Para além das questões explicitadas na série *Westworld* da HBO o presente artigo também discorre sobre o Direito do trabalho e todas as questões sociais decorrentes do impacto do avanço tecnológico em nossa sociedade.

Máquinas e humanos indistinguíveis nas atividades laborais

A ideia de que a máquina se confunde com o humano, ou seja, de que as máquinas se tornaram aparentemente indistinguíveis dos seres humanos, é apresentada já na primeira temporada, no episódio *The Origin of Pain* em que o personagem William, em sua versão jovem (interpretado por Jimmi Simpson) questiona a funcionária da Delos (interpretada por Talulah Riley) se ela era humana ou máquina e, esta última responde: *If you can't tell, does it matter?*. Ideia que também se repete no quarto episódio *The Riddle of the Sphinx* da segunda temporada – quando o personagem Logan Delos (interpretado pelo ator britânico Ben Barnes), filho de James Delos, ao se encontrar com um investidor que propunha investimento no

parque e nos anfitriões, não se dá conta de que está cercado por máquinas e não por pessoas de carne e osso.

O caso que iremos ressaltar aqui quanto à indistinção entre homem e máquina na atuação profissional é o personagem Bernard Lowe (interpretado por Jeffrey Wright) conforme mencionado na introdução. Bernard desempenha o papel de chefe da divisão de qualidade do parque *Westworld* na Delos Incorporated, cuja função é garantir a fidelidade (conceito explorado no próximo tópico) e credibilidade dos anfitriões (androides do parque).

Bernard é um personagem reservado, analítico, inteligente e também sensível. Ele tem um profundo entendimento do funcionamento interno dos anfitriões e sua programação o torna altamente valorizado pela Delos. Ele atua lado a lado com os funcionários humanos da Delos sem que ninguém se dê conta disso, devido à sua programação avançada, que inclui um conjunto complexo de algoritmos comportamentais que o permitem se passar por um humano. O anfitrião que se passa por ser humano chega a inclusive ter um caso com uma funcionária, a personagem Theresa Cullen (interpretada por Sidse Babet Knudsen) que faz o papel de chefe de operações da Delos. Bernard, em uma cena, chega a inclusive a fumar um cigarro após ter relações com Theresa – uma vez que os anfitriões da Delos podem fazer quase tudo o que os humanos fazem inclusive atividades relacionadas a vício e prazer, como o ato de fumar, assim como serem acometidos de lesões físicas e sangrar.

Bernard foi criado por Dr. Robert Ford (interpretado por Anthony Hopkins), o cofundador do parque e ex-diretor criativo, à semelhança de Arnold Weber, seu sócio falecido. As memórias de Bernard foram programadas por Ford para espelhar as de Weber, incluindo seu luto simulado pela perda de sua esposa e filho. Essa família simulada serve como um meio de ligação de Bernard com a humanidade.

Bernard crer ser singular, ou seja, insubstituível, acentuando assim a sua humanidade simulada. Embora, vejamos, em nosso tempo (início do século XXI) e realidade, a humanidade ser substituída em parte de seu ser e identidade: no trabalho, por robôs.

Ao submetermos uma fala do personagem Bernard, ao método de Análise Crítica do Discurso (ACD) de Norman Fairclough (1995), podemos constatar o esforço da máquina em simular a essência humana: *I don't know what I am. I've been questioning my entire reality lately. If I'm not real, then what have I got to*

lose? (dita na primeira temporada, sétimo episódio intitulado *Trompe L'Oeil* à personagem Theresa Cullen, interpretada por Sidse Babett Knudsen. Nessa fala, Bernard expressa a incerteza sobre sua própria existência, assim como uma reflexão existencial que é uma característica típica da humanidade. Enquanto buscava esconder sua verdadeira identidade – comportando-se e falando como um humano.

Tabela 1 – Análise Crítica do Discurso (ACD) – fala do personagem Bernard Lowe (interpretado por Jeffrey Wright) dita a Theresa Cullen (interpretada por Sidse Babett Knudsen), na segunda temporada, quarto episódio intitulado *Trompe L'Oeil*.

Excerto a ser analisado	Primeira dimensão (texto = análise da palavra)	Segunda dimensão (prática discursiva = análise do texto)	Terceira dimensão (prática social = análise da norma)
	<p>Análise da escolha/seleção de palavras que revelam atitudes (demonstração da parcialidade da linguagem que contém valores, atitudes e avaliações)</p>	<p>Análise da ordem de discurso (aspecto semiótico de uma ordem social) e aspectos interacionais e comunicativos do texto. Observação de como práticas discursivas são organizadas e controladas em uma sociedade (relações de poder e ideologias presentes em práticas sociais)</p>	<p>Intertextualidade e a interdiscursividade (análise da construção do texto e sua relação com discursos presentes na sociedade)</p>
<p>Texto: <i>“I don't know what I am. I've been questioning my entire reality lately. If I'm not real, then what have I got to lose?”</i>.</p>	<p>-A escolha de palavras do texto selecionado reflete uma atitude de dúvida, incerteza e questionamento em relação à própria identidade. A palavra <i>“questioning”</i> sugere uma busca por respostas e um processo de reflexão que busca compreender a própria realidade. Já a expressão <i>“what have I got to lose?”</i> denota uma sensação de perda e um desafio para se reconstruir, caso a identidade não seja real.</p>	<p>-A utilização de uma linguagem direta e objetiva sugere um diálogo consigo mesmo, em que o sujeito busca compreender sua própria identidade e sua relação com o mundo. A ordem do discurso se apresenta como um processo de reflexão e questionamento, em que o sujeito busca compreender sua própria realidade.</p>	<p>-A busca por identidade é uma questão central na cultura contemporânea, especialmente entre as gerações mais jovens, que buscam compreender sua própria identidade em um mundo cada vez mais complexo e plural. O texto revela, portanto, a presença de uma ideologia que valoriza a busca pela identidade e a necessidade de se reconstruir em caso de perda ou incerteza.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

Outra personagem anfitriã que deixa transparecer em sua fala essa indistinção entre homem e máquina, já mencionada no início desse tópico, é a funcionária da Delos, Angela, (interpretada por Talulah Riley). Na cena em que os personagens William (interpretado por Jimmi Simpson) e Logan Delos (interpretado por Ben Barnes) estão a caminho do parque, eles são recepcionados por Angela, quem está encarregada de conduzi-los ao início de uma aventura em *Westworld*. Durante a recepção, William expressa sua desconfiança em relação aos anfitriões, questionando Angela se ela era humana ou um robô. Então Angela responde: “*If you can't tell, does it matter?*”. Ao submetermos a frase em questão ao método de Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough, temos a seguinte constatação (vide tabela 2):

Tabela 2 – Análise Crítica do Discurso (ACD) – fala da personagem Angela que atua como funcionária da Delos (interpretada por Talulah Riley), na primeira temporada, segundo episódio intitulado *Chestnut*.

Excerto a ser analisado	Primeira dimensão (texto = análise da palavra)	Segunda dimensão (prática discursiva = análise do texto)	Terceira dimensão (prática social = análise da norma)
	<p>Análise da escolha/seleção de palavras que revelam atitudes (demonstração da parcialidade da linguagem que contém valores, atitudes e avaliações)</p>	<p>Análise da ordem de discurso (aspecto semiótico de uma ordem social) e aspectos interacionais e comunicativos do texto. Observação de como práticas discursivas são organizadas e controladas em uma sociedade (relações de poder e ideologias presentes em práticas sociais)</p>	<p>Intertextualidade e a interdiscursividade (análise da construção do texto e sua relação com discursos presentes na sociedade)</p>
<p>Texto: <i>“If you can’t tell, does it matter?”</i>.</p>	<p>- A escolha de palavras na frase sugere que a distinção entre humanos e robôs não é necessariamente relevante ou importante, pois o fato de uma pessoa não conseguir diferenciá-los não afeta a experiência do indivíduo no parque. A frase contém uma atitude de relativização e questionamento sobre a importância da distinção entre humanos e robôs.</p>	<p>- A frase é proferida por uma anfitriã, Angela, em um contexto em que ela está recebendo visitantes humanos no parque. A expressão de Angela reflete a lógica do parque, que desafia os visitantes a questionarem sua própria realidade e a distinguirem o que é real do que é uma ilusão. Assim, a frase de Angela também serve como uma estratégia para persuadir os visitantes a suspenderem sua descrença e mergulharem completamente na experiência do parque.</p>	<p>- Questionamento da importância das diferenças e da categorização, algo que pode ser visto como uma crítica à sociedade em que vivemos, que tende a valorizar a diferenciação e a categorização de indivíduos. A frase também destaca as relações de poder existentes na sociedade, em que algumas categorias ou diferenças são mais valorizadas do que outras. Em resumo, a frase <i>“If you can’t tell, does it matter?”</i> apresenta um questionamento crítico sobre a importância das distinções entre humanos e robôs no universo de <i>Westworld</i>, refletindo sobre as atitudes, práticas e normas presentes na sociedade em que a série está inserida.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

O método de Fairclough nos permite a identificação e compreensão aprofundada sobre cada fala e cada discurso embutido na mesma – uma vez que nos possibilita identificar os ditos implícitos de cada texto, e por fim, termos uma real dimensão de toda complexidade e significação presente nas falas.

Os três conceitos centrais do enredo

O enredo gira em torno, principalmente, do questionamento da realidade que sempre é trazido à tona com a pergunta: *Have you ever questioned the nature of your reality?* feita tanto para os anfitriões quanto para os seres humanos. Assim como da busca pela imortalidade por meio do *download* da consciência humana (através de um dispositivo chamado *control Unit* e um processo denominado “transferência de consciência”) e o respectivo *upload* da consciência em uma cópia impressa de um determinado indivíduo. Associado à questão da imortalidade está a fidelidade, uma vez que as cópias dos seres humanos são criadas com a finalidade de substituir os originais de forma fiel em todos os aspectos: comportamento, personalidade e memória a fim de que sejam réplicas perfeitas de seus originais. Isso também é exigido dos anfitriões, que eram programados para serem fiéis às suas narrativas e aos comportamentos humanos. Além disso, a fidelidade também é explorada na relação entre os anfitriões e os visitantes do parque. Os visitantes vão ao parque para viver fantasias e esperam que os anfitriões sejam fiéis a elas e tornando-as realidade.

Esses três conceitos centrais do enredo: realidade, imortalidade e fidelidade abrem o leque para outras questões que são tratadas com bastante ênfase na série, por exemplo, a questão do livre-arbítrio, consciência, identidade, poder, controle, violência, exploração corporativa, em suma, muitos tópicos complexos e profundos relacionados à natureza humana e às implicações éticas e filosóficas relacionadas ao avanço da tecnologia.

A série parece ter a intenção de alertar o telespectador para um futuro distópico em que a humanidade não estará mais no comando – esses “avisos” ora aparecem por meio da frase de William Shakespeare frequentemente pronunciada pelos personagens: *These violent delights have violent ends* – ora pelas ações e falas de alguns personagens, por exemplo, a cena em que Dolores Abernathy adverte Charlotte Hale antes de matá-la: *You wanted to live forever? Be careful what you wish for* – referindo-se a busca e empenho da mesma por imortalidade, em sua atuação profissional na Delos.

Os roteiristas e produtores da série relatam com maestria uma espécie de início utópico com as máquinas apenas para uma elite endinheirada, que pode usufruir de férias “emocionantes”, em um parque temático que parece não ter fim, onde os instintos, impulsos e desejos mais repreensíveis pela sociedade (seja por questões éticas, filosóficas, morais e etc.) podem ser vividos ou se tornar “realidade” – uma vez que a própria ideia de realidade é colocada em cheque na série. E termina com uma distopia que acomete toda a terra, levando a uma extinção completa da humanidade.

A série é escrita de forma envolvente, abordando questões complexas e profundas da contemporaneidade relacionadas à inteligência artificial em um mundo futurista. O tom preditivo da série atua quase que como um aviso ou alerta para a humanidade – que a despeito de tais *red flags* está determinada a continuar com os avanços tecnológicos. Além disso, *Westworld* aborda questões e conceitos como realidade, imortalidade, fidelidade, consciência, livre-arbítrio, ética e moralidade. Uma produção cinematográfica de alto nível que traz à tona reflexões que são indispensáveis sobre o uso da tecnologia e seus desdobramentos para a humanidade e para o nosso tempo de agora (início do século XXI) e para o amanhã.

O direito do trabalho na era da Inteligência Artificial

Não é a primeira vez que as máquinas substituem os seres humanos – outros períodos exigiram novas habilidades dos trabalhadores – uma vez que a cada 60 anos (aproximadamente), nós temos uma revolução industrial ou tecnológica (FELICIANO e SILVA, 2022, p. 31). Por exemplo: Revolução Industrial (século XVIII), a era do vapor e das ferrovias (1829), a era do aço, da eletricidade e da engenharia pesada (1875), a era do petróleo e do automóvel (1908), a era da informática e das telecomunicações (1971) e agora a era dos algoritmos (início do século XXI).

Contudo, no passado as máquinas assumiam trabalhos manuais, enquanto os humanos se concentravam em atividades que requeriam aptidões cognitivas. Agora, vemos o oposto acontecendo, estamos assistindo as máquinas – nas palavras de Yuval Noah Harari, em uma matéria publicada na revista *The Economist*, em 28 de abril de 2023, intitulada *Yuval Noah Harari argues that AI has backed the*

operating system of human civilisation – hackearem o sistema operacional de nossa civilização: a linguagem. E, por conseguinte, estamos diante de uma mudança no curso da humanidade, segundo Harari, diante de uma nova arma de destruição em massa que pode aniquilar nosso mundo mental e social.

Isso porque é por meio da linguagem que quase toda a cultura é constituída e construída, ou seja, ela é a “matéria-prima” mor na construção de uma sociedade. Harari cita o exemplo do dinheiro, um artefato cultural (as notas são apenas pedaços de papel colorido e, atualmente, mais de 90% do dinheiro nem são notas - são apenas informações digitais em computadores) cujo valor se dá graças às histórias que banqueiros, ministros das finanças e gurus das criptomoedas nos contam a respeito.

Assim, se estamos diante de máquinas com potencial de contar histórias melhores que nós, seres humanos, estaríamos então diante de uma entidade não humana que poderia moldar o mundo de uma forma completamente diferente, não apenas no âmbito do trabalho, mas em todas as esferas da sociedade.

Os defensores do avanço tecnológico apregoam que já existiram conforme mencionado acima, outras revoluções industriais e que a economia sempre encontrou caminhos para se reinventar (novos empreendimentos, novos serviços e os trabalhadores aprendem novas profissões). Contudo, FELICIANO e SILVA (2022) fazem perguntas pertinentes: O que farão os trabalhadores, substituídos em massa pelas máquinas que pensam e tomam decisões? O que farão os governos com a perda brutal de arrecadação de tributos? Uma vez que com o processamento instantâneo de dados, as máquinas se tornaram infinitamente mais eficientes que os trabalhadores humanos. Além disso, as máquinas não têm direitos trabalhistas como um salário, limites de jornada de trabalho, descanso semanal, e nem sofrem com as mesmas limitações que os humanos: capacidade limitada de produção, possíveis problemas de saúde, vida pessoal, necessidades diversas, tais como, alimentação, sono e etc.

Tudo isso em um ritmo hiperacelerado em que as novas profissões não têm sido e nem serão suficientes para abranger todos os desempregados. E mesmo que se estabeleça uma renda básica universal – dois grandes problemas já estariam postos neste último cenário: primeiro o da perda do direito ao trabalho e, por conseguinte, da possibilidade de escolha de seguir outros caminhos que não o de dependência de um Estado nacional ou supranacional e, segundo com o fim do trabalho o indivíduo

perderia uma parte constituinte de sua identidade, pois o trabalho confere utilidade identitária e social às pessoas, gerando sentido de pertencimento.

Tudo isso suscita a questão do regulamento da automação e da Inteligência Artificial. Instituições supranacionais, tais como, a Organização das Nações Unidas (ONU) e o World Economic Forum (WEF), além de figuras como Klaus Schwab (fundador do WEF), Bill Gates (empresário, diretor executivo, investidor e filantropo) e Elon Musk (empreendedor, empresário, diretor executivo e filantropo) têm levantando discussões sobre o tema e a necessidade de regulamentação de tais atividades, embora Musk, dentre os três, seja o que mais demonstre preocupação e críticas em relação a IA.

É preciso dizer que esta discussão, principalmente, considerando as instituições e figuras públicas citadas acima, possuem conflitos de interesse e incoerência em seus discursos quanto a esta temática. Por exemplo: Klaus Schwab e os relatórios do WEF ora alertam para os riscos que a tecnologia pode representar para a privacidade, segurança e emprego, como se pode ver no relatório de 2018, posteriormente deletado pelo WEF, nomeado *Global Governance Toolkit for Artificial Intelligence*, enquanto produz outros conteúdos sugerindo o contrário, uma espécie de mundo distópico onde o indivíduo não será dono nem das roupas que veste e não terá privacidade alguma, como o caso do artigo, também posteriormente deletado, publicado em 11 de novembro de 2016, intitulado *Welcome to 2030. I own nothing, have no privacy, and life has never been better*. Uma característica particular e peculiar do WEF, após causar polêmicas e comoções com tais conteúdos é deletá-los assim que os ruídos começam a surgir – aparentemente a fim de se evitar debates polêmicos ou possíveis posicionamentos contrários à grande agenda geopolítica do WEF: *The Great Reset*, que pretende “reiniciar” o sistema de toda a sociedade, ou seja, um reset financeiro/econômico, político e social.

A fim de ilustrar minimamente os conflitos de interesse entre aqueles que propõem a regulamentação da Inteligência Artificial, a partir dos exemplos de instituições e figuras públicas citadas aqui, foi elaborado um quadro (vide tabela 3) que visa explicitar como aqueles que desejam regular tal atuação são os mesmos que a comandam, ou seja, são os donos/acionistas das empresas de IA.

Tabela 3 – Os conflitos de interesse nas propostas de regulamentação da Inteligência Artificial (IA).

AMOSTRA DOS CONFLITOS DE INTERESSE NA REGULAMENTAÇÃO DA IA				
		Acionista em empresa de tecnologia	Conexão com empresas de tecnologia	Obs.:
FIGURA PÚBLICA	Bill Gates	A Cascade Investment (empresa de investimentos de Bill Gates) investe em várias empresas de tecnologia, incluindo IA, tais como: Vicarious; Kymeta; Vicarious Surgical; Grail; Rubrik, SoundHound; UiPath; Ginkgo Bioworks, Impossible Foods; Beyond Meat; Memphis Meats; Pivot Bio; Apeel Sciences e QuantumScape.		
	Elon Musk	Tesla (investimento em IA para carros autônomos); Neuralink (uso de IA com finalidade transumanista) e OpenAI (foi acionista até 2018).		Musk tem demonstrado grande preocupação e emitido críticas em relação a IA.
	Klaus Schwab		Microsoft, IBM, Google (Alphabet Inc.), Amazon, Accenture, Palantir Technologies, NVIDIA, Siemens, Huawei e Salesforce.	
	ONU		Empresas que têm se envolvido em iniciativas relacionadas a IA e que possuem conexão com a ONU, seja por meio de patrocínio, colaboração ou alinhamento com a Agenda 2030: Microsoft, IBM, Google (Alphabet Inc.), Amazon, Accenture, Palantir Technologies, NVIDIA, Siemens, Huawei e Salesforce.	
	WEF		Embora não haja uma lista oficial de empresas ligadas ao WEF por meio de patrocínio ou alinhamento com The Great Reset, muitas empresas envolvidas em IA tem se envolvido com o WEF em diferentes capacidades. Exemplos: Microsoft, IBM, Google (Alphabet Inc.), Amazon, Siemens, Accenture, Palantir Technologies, NVIDIA, Alibaba Group e Facebook.	Tais instituições não foram eleitas por população de nenhum país e estão por meio de agendas geopolíticas impondo as vontades de uma elite oligárquica mundial.

Fonte: elaborado pela autora.

Considerações finais

Por vezes, vemos a ficção se antecipar à realidade, fenômeno conhecido como programação preditiva ou *defictionalization*, este último uma espécie de programação preditiva específica do consumo (SILVA, 2022, p.194). Contudo, o problema com tais fenômenos é que, ao menos que haja uma declaração/confissão de seus idealizadores (roteiristas e produtores) de que se trata de fato de uma ação deliberada com o intuito de tornar alguma ideia familiarizável no subconsciente das pessoas – as análises em torno do assunto serão especulativas.

Entretanto, com tantos casos inicialmente ficcionais se tornando factuais e reais, é também questionável reduzi-los a mera “coincidência” – e não é diferente quando o assunto é tecnologia e cibernética:

O gênio humano já vinha arquitetando, na ficção científica, na literatura e em outros campos do conhecimento o que gênios da tecnologia posteriormente conseguiram criar. Da ideia do androide chegamos aos robôs, e destes a IA, que opera em rede, com cálculos e operações matemáticas realizados pelos algoritmos computacionais, alcançando resultados inimagináveis menos de um século depois das primeiras invenções. (FELICIANO e SILVA, 2022, p. 29).

35

Quando assistimos aos episódios da série *Westworld* da HBO Max, em particular, as cenas mencionadas neste artigo, nós constatamos a previsão de uma distopia tecnológico-cibernética. Um mundo dominado por máquinas, que a princípio tinham a finalidade de servir e entreter a humanidade. No entanto, presenciamos a eliminação de qualquer acaso ou imprevisibilidade no cotidiano dos seres humanos por meio da transformação e programação da vida humana em roteiros controlados por máquinas e, por fim, um verdadeiro massacre da humanidade: a extinção pela máquina.

Westworld evidencia como as máquinas se tornaram espécies de cópias idênticas dos homens, ressaltando o conceito de fidelidade que é uma tônica ao longo da série, contudo máquinas que são aperfeiçoadas com múltiplas aptidões e capacidades inatingíveis para um homem. Por exemplo, a limitação humana frente à fragilidade de sua própria vida e iminência de morte – em contraposição a outra ideia central da série: a imortalidade das máquinas.

Vemos em *Westworld* uma espécie de “armadilha” para a humanidade – que em nome da diversão e/ou conveniência, entrega ou disponibiliza os seus dados;

que fornece informações valiosas – o que permite a manipulação de indivíduos e obtenção de vantagens (questões éticas e morais); humanidade que passa a ser substituída por máquinas em diversas atividades laborais – em nome do aumento da produtividade e/ou suposta segurança para os seres humanos, o que por fim, termina por aniquilar a humanidade.

Assim, vemos que *Westworld* destaca como o avanço tecnológico pode levar ao surgimento de novas formas de poder e controle. Ao retratar a substituição gradual da humanidade por máquinas em várias esferas da vida, a série questiona os limites da tecnologia e adverte sobre os perigos de se tornar excessivamente dependentes ou subjugados por ela.

Referências

FELICIANO, Guilherme Guimarães; SILVA, José Antônio Ricardo de Oliveira. A inteligência artificial e o direito do trabalho: lampejos utópicos para um futuro distópico. *Revista do Tribunal Superior do Trabalho*, São Paulo, v. 88, pp. 25-52, jan./mar. 2022.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: The critical study of language*. London, England: Longman, 1995.

SILVA, Cintia Coelho da. *Tendências e Contornos da Sociedade de Consumo*. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

Westworld [Seriado]. Produção: Jonathan Nolan e Lisa Joy. Estados Unidos: HBO, 2016 - 2022. (36 episódios).